



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

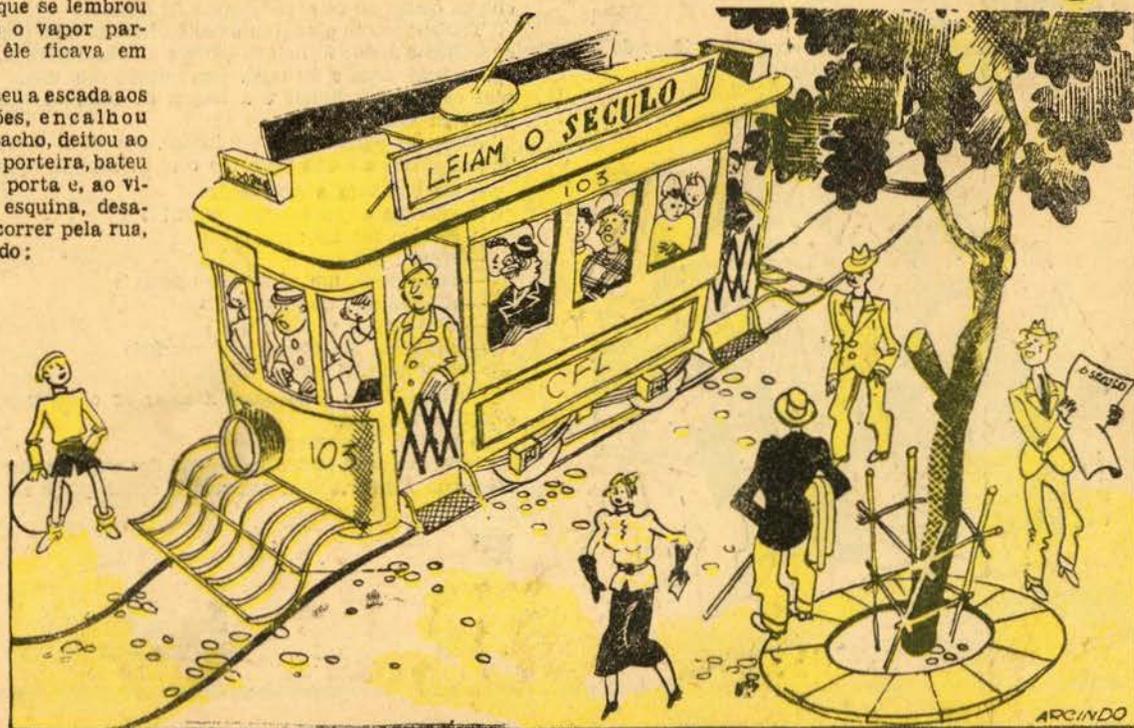
PERIPECIAS DE TOBIAS FILOSOFO

POR ISABEL AREOSA
DESENHOS DE ARCINDO

Tobias-filósofo é um homem de ciência, um professor, um sábio eminente mas é também a distração em pessoa...

Uma vez, comprou bilhete para uma excursão num vapor. Porém, esqueceu-se da viagem e só quando faltava um quarto de hora para embarcar é que se lembrou de que o vapor partia e ele ficava em terra.

Desceu a escada aos tropelões, encalhou no capacho, deitou ao chão a porteira, bateu com a porta e, ao virar a esquina, desatou a correr pela rua, gritando:



ARCINDO

— «Lá vai êle!... E' aquê!... Foi por ali... Se o não apanho são três contos de reis que se me vão embora!...»

Alguns curiosos desataram a correr atrás dêle, enquanto Tobias-filósofo continuava a gritar furiosamente:

— «Ai que lá desapareceu êle!... Por onde terá êle seguido!... Ai que desgraça se o não apanho!... O que vai ser da minha vida!...»

Passou nessa altura um automóvel com dois agentes policiais e Tobias-filósofo, sem mais aquelas, saltou para êle; desesperado e todo nervoso, continuou a apontar na mesma direcção, vociferando:

— «Lá vai êle!... E' aquê!... E' aquê! que vai!... Depressa, senhores, senão já não o apanhamos... Ai os meus ricos três contos de reis!...»

Os agentes ordenaram tôda a velocidade ao carro, a fim-de poderem capturar o facinora que o filósofo perseguia.

As esquinas das ruas, os sinaleiros apitavam, fazendo parar a circulação para dar passagem ao carro da policia, que passava rápido como um relâmpago. Tobias-filósofo nem dava pelo sucesso que estava fazendo. A multidão estacava ansiosa... Os transeúntes interrogavam-se, assustados:

- «O que sucedeu?!»
- «E' um gatuno que fugiu!»
- «E' um ladrão que perseguem!...»
- «E' um assassino!»
- «E' um vigarista que roubou três contos de reis...»

A certa altura, o nosso Tobias-filósofo, cada vez mais excitado, berrou no âuge do desespero.

— «E' aquê! Agora... agora!... Devagar!... Isto é, parem... andem... andem... vou apanhá-lo!...»

Passaram rente a um eléctrico e Tobias, saltando para a plataforma do carro, deu um encontrão no condutor, outro no revisor e instalou-se num banco, junto da janela, enquanto o automóvel seguia...

Então, tirou o chapéu alto e gritou da janela para os agentes extáticos de espanto:

— Muito obrigado a vocências... Era êste o eléctrico que eu queria apanhar... Seguindo neste, até Alcântara, ainda alcanço o navio... Safa, que ia perdendo o vapor! E o bilhete custou-me três contos de reis...»

Doutra vez, Tobias-filósofo foi passear ao campo. Scismava: — «Será certo crescerem as pessoas mesmo já depois de certa idade?!» Olhou para um pinheiro ainda novo e disse para consigo: — «Este serve para eu apontar a minha altura.» Gravou no tronco, por cima da cabeça, até onde chegava, pôs a data e, um ano depois, lá voltou a inteirar-se da verdade.

Mas o sucedido era de espantar!

O risco e a data e que tinham crescido o dôbro de Tobias e êle já nem sequer lá podia chegar!



Que alto estava agora o pinheiro!

Doutra vez, Tobias-filósofo andava abstracto, macambúzio. Sentia-se doente, não sabia de quê, com dores não sabia onde, e a boca não sabia êle ao que lhe sabia...

Por isso, encontrando o doutor na rua, agarrou-se a êle, encantado da oportunidade do encontro e exclamou:

— «Doutor, tenho um padecimento estranho, uma doença exquisita, um mal indecifrável, uma moléstia invulgar! — Já não o largo enquanto me não der a cura!»

O doutor, que estava farto, fartíssimo de o aturar, a êle, aos seus padecimentos estranhos e a tôda a série das suas doenças imaginárias, respondeu-lhe:

— «Sériamente?! Vamos lá tratar disso. Curc-o num instante. Não se mexa daqui. Ora deite a língua de fora e feche os olhos; só os abra quando eu disser...»

Tobias-filósofo obedeceu e deitou logo de fora uma língua de palmo e meio; fechou os olhos e ali ficou parado.

Perante aquê! homem, imobilizado no meio da rua, com os olhos fechados e a língua de fora, os transeúntes paravam intrigados.

Assim se passaram dez minutos, passou-se meia hora e Tobias só ouvia à sua volta um côro de murmurações:

- «O que vem a ser isto?»
- «Porque é que êle está assim?!»
- «O que faz êle aqui?!»
- «Quem é?»
- «Que pena, um sábio tão célebre!»
- «Coitadinho enlouqueceu!»
- «Foi com a geometria!»
- «Não foi. Foi com a astronomia!»
- «Foi mas foi com a filosofia!»

Tobias-filósofo resolveu-se a abrir os olhos mesmo sem o médico mandar.

O médico desaparecera!

Acolheu-o uma gargalhada geral dos curiosos que se aglomeravam à sua volta e estavam a achar graça ao caso.



F

I

M



Por **MARIO GIL**
Desenhos de **A. CASTANÊ**



Olha os bois! Que fortes são,
Puxando além a charrua!
Dali nos virá bom pão,
Da terra escaldada e nua!

Repara naquele, agora,
Puxando um carro, com pa-
lha!...
Chiando, o carro assim chora,
Chora p'lo boi que traba-
lha!...

Vê como êste, aqui, coitado,
Anda sempre à roda, à roda...
Tira água que rega o prado,
Que rega a terrinha tôda!

São tão grandes, tão potentes,
E como são tão bondosos!...
São muito mais indulgentes
Do que os homens — revol-
tosos!

Andam sempre tão mansi-
nhos,
Humildes, a trabalhar...!
Lembram lindos cordeirinhos,
Que, às vezes, vejo a pastar.

Eles (que puxam o arado,
O velho carro gemente,
A nora, que rega o prado,
Com passo curto e valente.)

Prestam-nos belos serviços,
Desde manhã ao sol-pôr;
— São os servos mais
submissos
Que, à mão, tem o lavrador

F I M

Reabriram as aulas

Por **ALBERTO NEVES**

AS férias já terminaram!
Enfim, já se descansou;
Um novo ano lectivo
Agora principiou.

Meninos: muita atenção!
Meninos: muito juízo!
Tende fé no coração,
Nos lábios, sempre um sorriso!

Um menino que eu cá sei,
Gosta muito de brincar;
Brinca muito, salta muito,
Mas não deixa de estudar...

Este menino, o Jacinto,
E' um grande brincalhão!
Ai, mas (creiam que não minto)
Nunca falha uma lição...

Nunca ficou reprovado,
Nunca perdeu nenhum ano...

E, nas lições que tem dado,
Nunca sofreu um engano...

Tem só quinze anos de idade,
Para o sexto ano passou...
— Sempre cheio de vontade,
Boas notas alcançou!

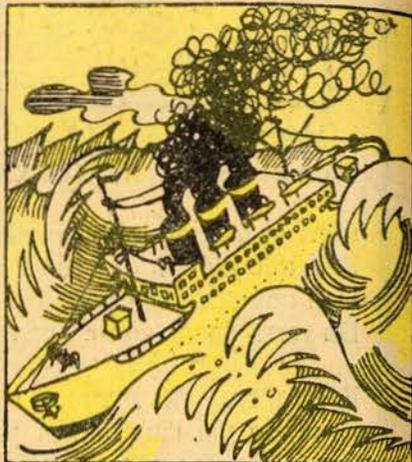
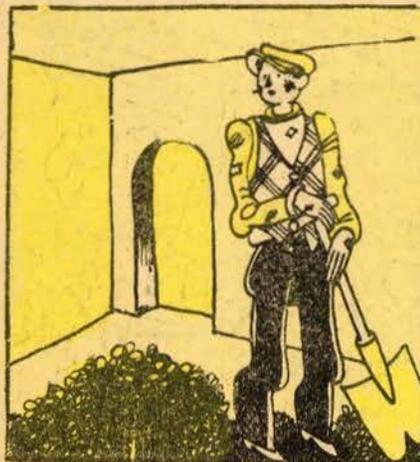
Se o Jacinto brinca e estuda,
Vós, também deveis brincar...
Brincar faz bem, desenvolve...
Mas não deixeis de estudar!

Meus meninos, reparaí
No que vos deixo aqui dito:
— Estudai sempre, estudai!
Ser alguém é tão bonito!

F I M



PASSAGEIRO À FORÇA POR MARIA ARCHER



Carlinhos, o ajudante de foguero no vapor dos pilotos da barra. Está sempre no fundo do vapor, com uma grande pá na mão, a encher as fornalhas de combustível.

Quando salem a barra os grandes paquetes, o piloto vai para bordo dirigir a manobra. Em Cascais retorna o seu vaporzinho. Então, Carlinhos, torturado pelo desejo de viajar,

sobe ao convés e fica-se a olhar o grande paquete que mete o ar ao mar, para a travessia do Oceano...

Num dia de tempestade, o *Massilia* saiu a barra com temporal desfeito. Carlinhos tinha ido para bordo com o piloto, carregando às costas com o seu fato à prova de

água. Mas, ao chegarem a Cascais, o mar estava tão áspero e perigoso que o piloto resolveu não desembarcar. O telégrafo sem fios comunicou essa resolução para terra e o vapor dos pilotos não saiu da baía. Carlinhos, em companhia do piloto, ia, finalmente, viajar! Seriam passageiros pela força das circunstâncias.

UM CASAL UNIDO

Por ISOLDINA

Desenhos de ARCINDO

O reino da Natureza estava em férias, o velho rei — o Sol — tinha dado uma licença ilimitada aos seus súbditos. Por isso, a dona Chuva Pingona levava, havia bastante tempo, vida regalada, bem como o seu fiel esposo, o Vento Bufão, e sentiam-se bem nessa paz pôdre.

Lá do alto dos seus domínios, para além das serras, eles fartavam-se de rir à socapa. Não porque fôsem maus, no fundo (pois só os maus se riem do mal) mas tanto a Chuva Pingona como



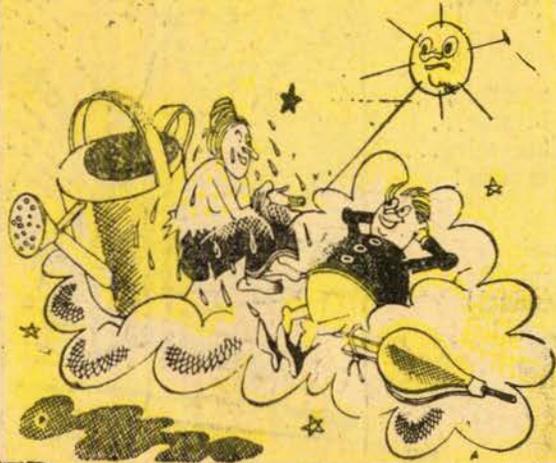
seu digno esposo, às vezes, tinham venetas, certamente quando a vida lhes não corria sempre de feição. E aqui têm os meus meninos, como a chuva, que tanto bem faz aos nabinhos de cabcinha branca, que até parece dizer «comei-me»; às couvinhas para o calinho verde, e a tudo, enfim, que se cria na terra e que os meninos comem, mas que outras vezes, também, num acesso de mau humôr, chega a fazer estragos irremediáveis e até causa a morte, provocando desabamentos e inundações.

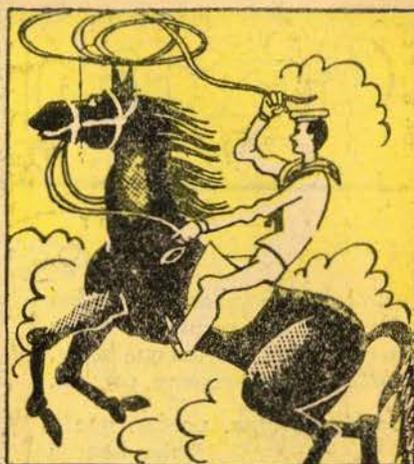
E quando calha até estar de mau humôr o seu marido, o Vento Bufão?! Nem falar nisso é bom.

Se um diz:— «mata», o outro diz logo: — «esfolo!». Então, de mãos dadas, percorrem cidades, vilas e aldeias, deixando na miséria muitos povos por onde passam.

Dizíamos nós que a sr.^a Chuva Pingona e seu marido o Vento Bufão, se riam à socapa, por verem a terra seca, os campos sem aquela verdura que tão agradável nos é à vista. As poucas hortaliças estavam tôdas amarelas, ressequidas.

As pessoas abafadas com calor, sem uma leve aragem que

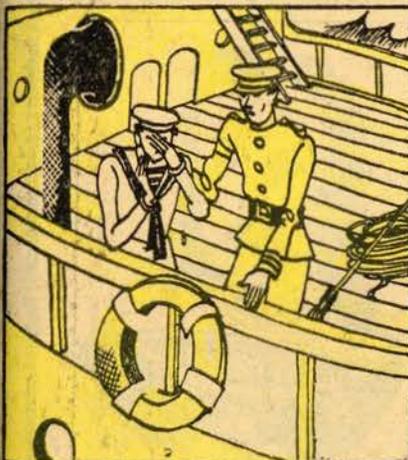




Os passageiros tiveram pena daquele rapazinho enferrujado e deram-lhe roupa nova. Carlinhos já se vestia como um marinheiro. E agora andava sempre com a vassoura a limpar o convés, satisfetíssimo daquele serviço feito ao ar livre.

Chegaram ao Rio de Janeiro e Carlinhos pasmava para tudo o que via. De tanto pasmar, andava mesmo com a boca aberta. Travou logo amizade com um pretinho e uma pretinha e todos três faziam patuscadas pela cidade.

Em Buenos Aires deu-se muito bem. Aranjou companheiros em dois toireiros pequenos e duas dançarinas espanholas da idade d'ele. Montou mesmo um cavalo dos Pampas e atirou o laço à moda argentina.



O Massilla, na viagem de regresso, trouxe para Lisboa o piloto e o Carlinhos. Conforme se aproximava de terra, o pobre pequeno encostava-se à amurada e desatava a chorar. O comandante dirige-se a ele e interroga-o. Carlinhos conta-lhe que vai recomear a sua triste vida de ajudante de fogueteiro, no fundo encarvoado do navio dos pilotos da barra.

O comandante comove-se. Promete a Carlinhos protegê-lo. E assim que chegam a Lisboa, estabelece negociações com os pais de Carlinhos. Obtida a licença, Carlinhos é admitido como tripulante do Massilla. As suas funções serão as de criado do bar.

Carlinhos, vestido com a sua farda nova, flamante de doirados, vai no Massilla para

o Rio de Janeiro. Já trabalhou todo o dia e juntou muito bom dinheiro das gorjetas. À noite, senta-se no tapete do seu quarto e conta o dinheiro d'esse dia. E como fez a conta aos dias de viagem, palpita-lhe que ao chegar ao Brasil, deve ter ganho o bastante para comprar um macaco e um pagaio.

as refrescasse; os poços sem água; os rios quasi secos. Uma calamidade!

— «Vês, maridinho? — (dizia a chuva para o vento.) Eles praguejavam contra nós; «maldita chuva! não se pode sair de casa, não se seca a roupa; sumida fôsse ela!...» ouvi eu dizer muitas vezes.»

— «E a mim? Tantas maldições me lançaram na última passagem pela Terra! Maldito vento!... E uma série de imprecações que me faziam rir e dizer: — «Sim, sim; vós me desejais. Quer soprando-vos, mansamente, para vos atenuar os efeitos escaldantes dos beijos do nosso rei e senhor — o Sol — quando abram, quer um bocadinho mais forte para, na eira, separarem do milho a fasca com que enchem as almofadas da cama, etc.»

— «E' verdade, maridinho. O mundo é muito ingrato! Só o trabalho que nós temos durante o ano... E eles nunca estão contentes! Tão bem merecidas são as nossas férias, que não deviam acabar!... Há muito tempo que não tínhamos uma férias tão longas Ah, no céu esteja quem inventou o descanso!»

— «Amen!» Rematou o vento. E os dois, bocejando, e espreguçando-se (coisa muita feia entre os meninos) estenderam-se comodamente numa grande nuvem com reflexos doirados, que lhes servia de tapete, nos seus dominios da Imensidade.

Mas, como não há bem que sempre dure, em breve foram despertados do seu delicioso bem-estar por um mensageiro do rei — um rajozinho solar — sob cujo fulgôr eles se encolheram, com receio do calor. Disse ele, entanto, com a sua voz de ouro:

— «Ordem do rei. Os povos sequiosos, tisonados, protestam contra tão grande calma. A-pesar das imprecações o nosso rei e senhor, não quer saber, porque vozes de burro não chegam ao céu. Mas a humanidade sofre demasiado já, e reza, rogando humildemente aos Altos Poderes que termine este estado de coisas pois, de contrário, ficará tudo sem pão. Termináram, portanto, as nossas férias. Assim o determinou o nosso rei e senhor que também precisa de descansar algum tempo. Entrai, imediatamente, nas vossas funções. Tenho dito.»

Os dois baixaram a cabeça, em sinal de obediência. (Continua na página 6)

Gracinhas do meu neto



Por
G. Q.

Farto estou de gabar o meu néné
E de pedir que escutem o rapaz
Em certas descobertas que já faz,
Assim, mesmo pequeno, como é.

Mas houve uma, porém, que o
não honrou
E que, no fim de contas, não tem
graça,

Muito embora o dissesse de pir-
raça...

A de chamar «careca» ao seu
avô!

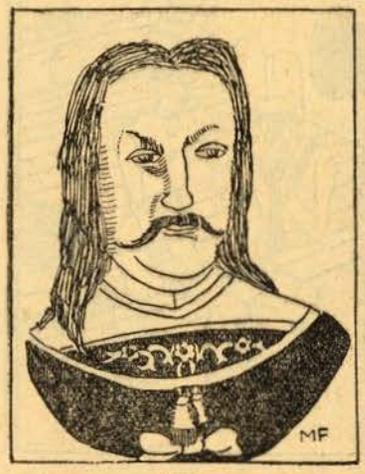
Porém, sendo da boa educação
Ensinar a criança a não mentir,
Achei melhor levar o caso a rir.

Pois se êle me gabasse a «cabe-
leira»

Isso então sim, é que seria as-
neira.

Nunca mais lhe daria o meu
«perdão».

CONCURSO GRANDES DE PORTUGAL



84

UM CASAL UNIDO

(Continuado da página 5)

do a ergueram, tinha desaparecido o mensageiro e uma atmos-
fera gelada envolvia tudo. A senhora chuva, como pingona que
era, deixou escapar dos reservatórios um caudal de lágrimas
de despeito, o vento bufava, furioso, soltando úivos de raiva: —
«Malditos! Malditos sejam êles, que nos vieram estragar o arran-
jinho. Mas não-de pagar-mo!»

Pff... bri... zzzz... pan!... E com êste ruído ensurdecedor,
lança-se no espaço, como tiro do canhão.

— «Maridinho, maridinho! — (chama a dona Chuva tôda
laerimosa.) até te esqueciste da tua mulherzinha! Que fúria
que levas, santo Deus! Que se acatelem os bonifrates lá da terra
Eu te seguirei.» — E seguiu.

Els aqui porque, depois de muitas semanas, seguidas, de
grande calor, o vento e a chuva, de comum acôrdo, desenca-
cudaram tão furioso temporal, o que alegrou em principio os
pobres camponeses que viam as suas culturas prejudicadas, e
contrariou alguns meninos e meninas que haviam projectado
passeios e outros divertimentos ao ar livre, ficando a chuchar
no dedo.

Mas o vento furoso e a chuva em cataratas, assediaram-os
de tal forma, que êles já apertavam as mãos na cabeça ou as
erguiam ao céu, implorando: — «Basta, por agora, Senhor!
Nem tanto nem tão pouco!»

O vento, porém, ulvava: — «Agüentem-se, patifes! Quem
vos mandou tirar-me do meu descanso! Nunca estão contentes
com a sua sorte!»

E a chuva: — «Andem lá, que vos hei-de fartar; já que me
tiraram do meu querido descanso...»

Ficai sabendo, meus leitorzinhos amigos, que o descanso pro-
longado em demasia, predispõe para a mandriçe e só preju-
dica quando, entregues às suas delicias, nos esquecemos dos
nossos deveres e obrigações, como sucedeu ao vento e à chuva
que nos fizeram pagar o seu mau humôr.

O PRIMEIRO MILAGRE DE JESUS

É da auto-
ria do nosso
calabora do r
Feliz Ventu-
ra, a poesia
que, com êste
título, publi-
cámos no
nosso núme-
ro anterior,
nome que,
por lapso,
não saiu.

Fidalgo e grande soldado,
Quanto lhe deve a Nação!
Muito lutou nessa guerra
Que trouxe a Restauração.

Ele fez aos hespanhoís
Passar momentos amargos,
Naquela grande batalha
Que ganhou em Montes Claros,

Mostrando, sobejamente,
Que invencível há-de ser
Quem luta por sua terra
Preferindo até morrer,

A vê-la tornada escrava
E na mão dos estrangeiros;
Ou ver tornados os últimos
Os que já foram primeiros.

E a Pátria salvou-se e, linda,
Causa inveja à estrela d'Alva.
Quem ganhou em Montes Claros
Foi o

F I M

Hora de Recreio

Número 22
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

14 OUTUBRO
1 9 3 7

RESULTADOS DO N.º 16 PALAVRAS CRUZADAS Ç H A R A D A S

DECIFRAÇÕES

1—Ratoeira; 2—Alcova—alva; 3—Tomada—toda; 4—Preciso—preso; 5—Socorram—Marrocos; 6—Norberto; 7—Papagalio; 8—Muito riso, pouco siso.

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 2—Manecas & Tonecas—19 votos
N.º 5—Mário F. B. Ripado—6 votos

N.º 3, de «Mapeiras», 5 votos; n.º 4, de Maria do Ar e N.º 5, de Fernando R. Cunha, 3 votos cada; N.º 7, 2; N.º 1, 1.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Tomigas, Crisante Taborda, Alfredo Matos Boavida, José Antunes Baptista, Vir Bonus, Jorge Pereira, Pí-pocas, Lula, Nélio Arita, Armando Garcia Félix, António Freire, Al Damei, Tino, Maria Alice Botelho Moniz, Pacatinha, Maridália, Homem Sombra, Zé Fernando, Zé, Emídio Matias Pinto, Delca, Rex Adriano Reis, Necas L. Mano, Martos, Tivorc, Far, Tacos, Renato R. Paulo, Armando Jorge, D. Bibas, Pírolito e Carlos F. Cotter Moreira (Totalistas)

QUADRO DE MÉRITO

Mário F. B. Ripado, Jack Homes, A. Matoso, Américo B. Fernandes, Sob-chávena, Manecas & Tonecas, 7

NOTA—Não foram tomados em conta, por não se fazerem acompanhar da votação, as listas dos seguintes decifradores de mais de 50 %:

Dionísio Martins, Oliveiraibeiro, Bonina, Armandino, Carlos Figueiredo, Artur de Melo Cabral, Mário da Silva Fernandes, J. Gueilhas e Recem.

Por ser desnecessário repetir, visto que todos sabem ser a votação obrigatória para os decifradores cujo número de decifrações lhes dê ingresso, pelo menos, no Quadro de Mérito, não publicamos, de futuro, a lista dos não votantes. Limitar-nos-emos, somente, a não os incluir, como temos feito, nos Quadros que são as *démarches* dos campeonatos.

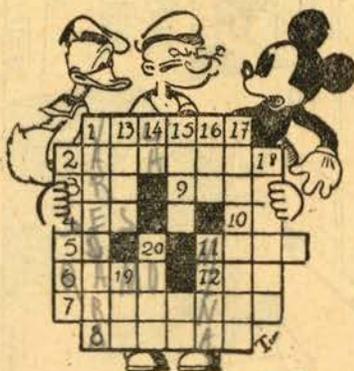
Decifração do problema n.º 10

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	M	A	L					T	A	L
2	A	I	A	C	T	E	R	O	S	
3	S	A	N	O	A	S	O	A	S	
4			T	A	C	A				O
5	T	O	A	R	O	M	O	S		S
6	A	L	M	A	F	A	M	A		E
7		A	S		A	L				L
8	R	E	S	O	A	D	A	D	I	V
9	A	D	A	D	A	A	L	A	R	
10	M	E	L	O	S	L	U	M	A	
11	A	M	A					I	D	O
12	L	A	S	S	O	A	T	A	I	S

DECIFRADORES

Mário da Silva Fernandes, José Antunes Baptista, Jorge Pereira, Lula, Nélio Arita, Armando Garcia Félix, Pacatinha, Armandino, Carlos Figueiredo, Adriano Reis, Necas L. Mano, Martos, Tivorc, Far, Tacos, Renato R. Paulo.

PROBLEMA N.º 14



Horizontais: 1—Andar à vela; 2—Tempo dum verbo que significa: limpar, empregando a água; 4—Catedrais; 5—Duas letras de Tejo; 6—Folhagem; 7—Começas; 8—Habitante dum país europeu; 9—Cacete; 10—Tempo do verbo ler; 11—Aquele que não fala; 12—Três letras de Islam.

Verticais: 1—Sacudira com vara; 2—Faço listras; 11—Cavidade profunda na Terra, da qual se extraem diversos metais; 13—Nome de mulher (pl.); 14—Ali; 15—Por todo o lado (quando prec. de a); 16—Ocasão; 17—Prisão; 18—Sortidas; 19—Um milhar; 20—Bainha dos legumes.

SINCOPIADA

1—Encontrei o «insecto» na peça de vestuário.—3-2.

Bel & Zeca

MEFISTOPÉLICAS

2—Na gruta fizemos paragem para ver o coelho pequeno.—(2-2) 3.

Bébé (C. C. C.)

3—Esta pedra antes de me entrar na barriga fez um desvio.—(2-2) 2.

Béu

COMBINADA

4— 1+to = jogo de azar
1+ta = calçado

Conceito: Animal bravo e carnívoro.

Armando Garcia Félix

Enigma pitoresca



ANOTAÇÃO AO N.º 20

A charada dupla—ponto n.º 7—é da autoria de «Arievílio».

CORRESPONDENCIA

Landú—Pode enviar quantos quiser. O que se aproveitar vai-se publicando na devida altura.

António Freire—Na publicação dos resultados deste campeonato, já deve ter verificado as respostas à sua carta.

Thon-Thon—Como colaborar? Mandando trabalhos em condições e... pronto!

Ódraude—Sim, senhor! Continue! Flor do Campo—Das espécies charadísticas, pode mandar o que quiser. Publica-se o que tiver algum merecimento.

Tim—Pode entrar nos concursos em qualquer altura. Presentemente esta secção é exclusivamente charadística e nada tem que ver com outros assuntos que lhe não digam respeito. Quanto aos problemas matemáticos, são matemáticos de mais para quem frequenta, ainda, a instrução primária ou os primeiros anos do liceu. Que destino deseja dar ao prémio?

A vida atribulada da Joaquina Bispo

A CAIXA DOS ESPIRITOS

Por ISOLDINA

Desenhos de ARCINDO

Os meninos decerto não se esqueceram ainda da Joaquina «Bispo», aquela pacóvia que veio, para a cidade, servir. Queiram ouvir mais uma das suas.

Como tódas as pessoas de espirito acanhado, era medrosa e supersticiosa. Depois do caso do piano com os dentes arreganhados, de que os meninos devem lembrar-se, fugia dessa parte da casa como o diabo da cruz; e se era obrigada a ir para êsse lado, benzia-se sempre que olhava para a porta da sala. Por isso não deu por que tivesse entrado para casa um pequeno aparelho de rádio com que seu patrão brindara o Toneca, em virtude do bom resultado do seu exame. Ela ouvia música, mas lá na cozinha não se percebia de onde vinha. Podia ser mesmo na casa de bebidas, ou que ali perto alguns rapazes ficassem harmónio e ferrinhos, como o Zé-Manel, seu vizinho lá do oiteiro. O certo é que, depois do aparelho se

haver instalado com tódas as regras, ao principiarem as audições, a luz fez-lhes a desconsideração de desaparecer. Por mais que esperassem, ela não voltou. Contudo, o Toneca, sempre esperando que ela viesse, deixou o aparelho aberto e ligado. Nessa noite tiveram de deitar-se à luz de velas, pois já era tarde para tratarem da avaria.

*
* *

Lá pela noite adiante, a Joaquina, que tinha o sono leve, acordou sobressaltada por uns ruídos exqu岸itos. Eram guinchos agudos, silvos maiores que os das cobras, roncões de boi bravo; eram vozes grossas como trovão, etc., etc. Louca de terror, salta da cama em camisa e começa a gritar, correndo para a porta:

— Acudam, acudam! Andam aqui ladrões!...



Mas logo aquela voz grossa que lhe punha os cabelos em pé foi seguida de um guincho infernal, que nada tinha de humano...

— Ai, ai! É o diabo! Lá lhe pisaram o rabo. *Abrenúncio!* Credo, credo! Santo nome de *Jasus!*...

E procurava fugir para bem longe dali; mas, na sua confusão, não atinando com a porta, foi mesmo dar consigo no quarto de estudo do Toneca, onde estava instalado o aparelho.

Então é que foram elas! Quando viu que não estava ali ninguém e aquela voz de trovão, que ela não compreendia, a berrar, a roncar, de dentro de uma caixa que tinha só um olho, ó pernas para que vos quero?!... Fugiu espavorida, louca de terror e, sem saber como, foi parar à rua, onde um polícia a encontrou, de madrugada, semi-morta, em camisa e articulando palavras sem nexos.

— O diabo... Credo! Aquele olho!... Ai, ele grita!... Estão-lhe a pisar o rabo! Deixem-me! Quero ir para a minha terra!...

Foi encontrá-la na esquadra, o patrão a quem ela disse terminantemente que não queria estar numa casa onde tinham espíritos maus, dentro de uma caixa. Queria voltar para a sua terra... e pronto.

Fizeram-lhe a vontade.

Há assim muita gente (os meninos não acreditam?) para quem a civilização é um bicho de sete cabeças.

Arrepender-se-á ela, em breve, depois de ter visto tão lindas coisas, de ter voltado a ser uma aldeã primitiva? Quem sabe?... O futuro o dirá, e os meninos verão.



ARCINDO - 33

NO PRÓXIMO NÚMERO:

HORA DE RECREIO

iniciará as anunciadas

NOÇÕES DE CHARADISMO

dedicadas aos jovens cultores da Arte de Édipo e, em especial, aos principiantes.